

Cap 7: Discussões e reflexos na paisagem

As análises realizadas na pesquisa demonstraram que de fato pode-se pensar em um padrão de inserção dos sítios na paisagem e das paisagens dos sítios, que denote processos de escolhas culturais dos autores dos grafismos rupestres da região de Diamantina. Neste sentido o objetivo desta pesquisa foi alcançado.

Foi possível observar padrões gerais para os sítios, que parecem ter sido implementados pelos autores do primeiro e segundo conjuntos da Tradição Planalto, e que as unidades estilísticas que ocuparam os sítios posteriormente mantiveram, embora tenha sido possível observar tendências dentro de cada uma estas unidades, que possam denotar seleções de critérios paisagísticos importantes no momento da seleção dos abrigos a serem ocupados (Vide quadro de síntese, na p 173).

No que se refere à paisagem do entorno dos sítios pode-se pensar que houve uma maior convergência entre os critérios que parecem ter sido importantes no momento de se utilizar um abrigo para atividades gráficas e as unidades estilísticas. Observando o quadro pode-se perceber que os conjuntos estilísticos da Tradição Planalto mantiveram o padrão de inserção dos sítios, segundo alguns critérios, ao longo do tempo. Ao passo que se percebe também que à medida que as unidades estilísticas da Tradição Planalto foram se sucedendo alguns critérios foram flexibilizados, abandonados e retomados. Pode-se portanto pensar que os fatores de mudanças históricas e culturais ocorridos dentro da tradição não se refletiram somente na expressão gráfica, mas também na percepção e atribuição de valor aos critérios relacionados ao lugar onde os grafismos eram realizados. Se pensarmos no comportamento das unidades estilísticas exteriores à Tradição Planalto percebe-se que alguns critérios e padrões foram igualmente compartilhados, enquanto outros guardam particularidades internas a cada Tradição.

Analisando as características internas aos sítios, pode-se observar que estes enquanto mantêm características e padrões mais marcados quanto às paisagens de entorno, mantêm variações significativas dos critérios que os caracterizam internamente. O critério compartilhado por todas as unidades estilísticas é a presença de grafismos nos suportes rochosos dos abrigos, a exceção do primeiro conjunto planalto, que inaugura a serra e da Tradição Nordeste, com a qual os grafismos não estabelecem relação de cronologia. Os outros critérios, embora recorrentes, mostram variações internas significantes que permite refletir sobre uma menor valoração dos elementos

paisagísticos internos aos sítios em relação àqueles que marcam as paisagens nas quais os sítios se inserem.

conj estilíst atributo dos sítios	primeiro momento planalto	segundo momento planalto	terceiro momento planalto	quarto momento planalto	quinto momento planalto	complexo montal-vânia	tradição agreste	tradição nordeste
visibilidade ampla a partir do abrigo	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
terço superior e médio da vertente	94%	92%	88%	100%	100%	89%	60%	100%
presença de campo amplo em frente ao sítio	56%	58%	59%	80%	20%	68%	60%	50%
acesso "fácil"	83%	79%	59%	80%	40%	89%	100%	75%
terço inferior do afloramento	44%	46%	41%	20%	20%	58%	60%	75%
de 0 a 115 metros da drenagem	78%	71%	65%	80%	80%	68%	20%	50%
visibilidade de longe	72%	83%	76%	60%	100%	68%	80%	50%
presença de nascentes	83%	67%	53%	80%	40%	68%	80%	25%

conj estilíst atributo dos sítios	primeiro momento planalto	segundo momento planalto	terceiro momento planalto	quarto momento planalto	quinto momento planalto	complexo montal-vânia	tradição agreste	tradição nordeste
presença de grafismos anteriores	-	67%	82%	100%	100%	100%	100%	?
piso plano (regular ou não)	78%	75%	82%	60%	80%	63%	80%	75%
preferência por suportes amplos*								
superfície sedimentar >= 6m ²	67%	54%	47%	60%	20%	58%	60%	75%
abrigos voltados para W e NW	67%	58%	47%	80%	40%	56%	80%	0%
preferência por suportes homogêneos*								
presença de ressaltos e patamares	51%	54%	53%	80%	60%	73%	80%	75%

Os quadros representam a frequência de sítios por classe em que foi verificado um padrão. As cores variam conforme a maior ou menor frequência de sítio (laranja = frequência alta; amarela = frequência média; amarelo claro = frequência baixa; branco = ausência). O primeiro quadro diz respeito aos padrões e tendências observadas para as características de entorno e inserção dos sítios. O segundo quadro se refere às características internas aos sítios ocupados.
* características avaliadas apenas qualitativamente.

Quadros 3 e 4: Padrões observados para as características das paisagens dos sítios da região de Diamantina

Mas, embora haja um padrão predominante para os sítios ocupados por cada uma das unidades estilísticas presentes na região de Diamantina, não se pode dizer que este padrão é resultado de escolhas ou recusas absolutas. Não parece que tenha havido elementos paisagísticos ou paisagens que tenham sido absolutamente negadas. Mesmo que não seja predominante os sítios, por exemplo, que contenham o segundo conjunto estilístico da Tradição Planalto situados nos sopés dos afloramentos que limitam os vales, eles existem. Isto quer dizer que o padrão geral dos sítios ou aqueles encontrados para as unidades estilísticas presentes não parece se referir a uma seleção rígida de critérios, mas a uma preferência que é administrada, talvez, por fatores históricos e culturais ou por questões de agenciamento.

Dentro das preferências mais marcantes, vê-se que os autores dos grafismos da Serra preferiram ocupar abrigos situados em paisagens marcadas por grandes áreas aplainadas ou com amplas superfícies planas, nas quais os afloramentos monumentais e densamente fraturados se inserem. E nestas áreas, parece ter havido uma preferência em manter uma paisagem já construída por intervenções gráficas, reconstruindo-a e (re)significando-a - no caso das unidades estilísticas que sucederam o primeiro e o segundo momentos da Tradição Planalto -, o que resultou na manutenção dos padrões.

Esta manutenção do padrão pode advir somente do fato dos autores das unidades estilísticas estarem buscando realizar grafismos em locais em que já haviam antes servido para abrigar atividades gráficas. Esta busca não tem que se ter relacionado, necessariamente, a um reconhecimento dos grafismos existentes e nem a um partilhamento do que significou grafar nas paredes dos abrigos. Pode ser que, na pré-história, pintar em locais grafados fizesse parte de regras de conduta apreendidas e passadas socialmente para os indivíduos de um grupo cultural ou social. Os grafismos podiam ter exercido no passado, por razões várias e passíveis de várias suposições, o papel de marcas na paisagem que indicavam onde determinadas atividades, inclusive as que geravam novos grafismos, deveriam ocorrer, por causas e justificativas que podem ter variado ao longo dos anos e em função das distintas gentes e culturas que passaram e perceberam os sítios, suas paisagens e suas pinturas.

Pintar em locais que já haviam sido pintados pode também denotar apenas uma atitude que foi gerada pela mera presença de grafismos pré-existentes. Os autores dos grafismos, que utilizavam a Serra como passagem, ou como local para obtenção de recursos, viram os grafismos e se sentiram motivados a realizar novas pinturas. Essa possibilidade, assim como qualquer outra, não é uma resposta pronta e final. O lugar

que os grafismos rupestres tinham no cotidiano ou nas práticas culturais de seus autores não é claro para os arqueólogos, não sendo tarefa fácil justificar qual papel a prática gráfica desempenhava nos grupos culturais que os realizaram. As manifestações gráficas de diversas tradições culturais convergirem para locais semelhantes e para os mesmo abrigos não parece ser resultado de relações meramente orgânicas – em sentido estrito - ou casuais. A realização de grafismos exige instrumentos, ferramentas e preparações que, mesmo que não venham acompanhadas de manifestações outras que não somente a atividade gráfica, demandam um certo investimento, tanto de tempo quanto de trabalho. Isto quer dizer que para a realização dos grafismos há envolvidas outras atividades e percepções que são estruturadas e pensadas dentro de uma lógica social. Pintar, por mais simples que fosse na Pré-História, fazia parte de um sistema de ações que envolveu a percepção, a significação e a realização dos grafismos, que por sua vez envolveu também sistemas culturais manifestos na preparação das tintas, nos gestos, nos suportes escolhidos, nas temáticas...

Deste modo, a realização dos grafismos pode ser entendida como uma ação social, nos termos weberianos, na medida em que a ação, no caso grafar, envolve uma atribuição de significado por parte daquele que age e é orientada pela expectativa das ações dos outros indivíduos. Esta expectativa envolve normas culturais, padrões de conduta e trama de relações sociais. E assim sendo, considerar que os autores dos grafismos rupestres realizaram seus grafismos por mero acaso é desconsiderar a existência do pensamento humano, e mais ainda é desconsiderar todo o conjunto de regras e normas sociais que interferem neste pensamento e nas ações que são resultado deste. Pintar, assim como caçar, construir ferramentas e sepultar seus parentes, envolve uma concepção mental do que essas coisas significam, de como devem ser feitas antes delas serem realizadas. E mesmo quando a realização de todas essas coisas torna-se automatizada todas as regras que as estruturam continuam a existir e se expressar nos seus resultados.

Embora não seja possível descartar nenhuma possibilidade que justifique a presença de diversas unidades estilísticas nos mesmos abrigos, no caso dos sítios de Diamantina é possível pensar que os grafismos exerceram um importante lugar na escolha dos abrigos ocupados, no caso dos três primeiros momentos da Tradição Planalto. Nos sítios em que aparecem estes três momentos, ou ao menos dois deles, é possível perceber que não apenas o sítio foi reocupado, mas também seus painéis. Diferentes figuras dos distintos conjuntos aparecem justapostas e sobrepostas, por vezes

de forma intensa, formando painéis que, à primeira vista, parecem ser absolutamente caóticos. Olhando atentamente os painéis é possível observar que estes foram construídos diacronicamente, e que figuras realizadas posteriormente tiveram atributos gráficos daquelas que já se encontravam nos suportes aproveitados para serem compostas. Por vezes vêem-se figuras incrementadas e modificadas por outras figuras que foram postas posteriormente nos painéis, outras vezes figuras de momentos distintos são postas encaixadas umas às outras de forma absolutamente ordenada de modo a aproveitar o espaço pictórico e a construir um painel que seja igualmente ordenado (ilustrações destas interações podem ser vistas em anexo) (ISNARDIS, LINKE & PROUS, 2006; LINKE & ISNARDIS, 2007; ISNARDIS & LINKE, 2007).

O reaproveitamento ou a re-ocupação dos sítios pode ser vista, portanto, na construção diacrônica dos painéis, de uma forma absolutamente intencional, e que pode ser interpretada como resultado de um diálogo, não entre indivíduos fisicamente presentes, mas entre expressões culturais. Nos painéis em que se percebem estas interações entre os conjuntos pode-se dizer que significantes foram reconhecidos e aproveitados, não necessariamente seus significados. O reconhecimento e o uso e interferência dos significantes pode sim expressar um reconhecimento e uma interação para além dos próprios grafismos.

A re-ocupação dos locais grafados pode também ser observado de uma outra maneira: os suportes mais intensamente pintados nos sítios, assim o foram por diversas unidades estilísticas, onde houve um sofisticado jogo de interações entre as figuras e onde também outros grafismos simplesmente foram colocados de forma a se justapor ou sobrepor aos outros. Estes painéis com intensas sobreposições, nos sítios, estão localizados em local privilegiado. Chegando-se aos sítios, são estes os painéis cuja localização permite uma observação imediata, e estando-se no local em que estes painéis se situam tem-se uma visão privilegiada do entorno dos sítios. Além de partilharem o mesmo local de pintura, o sítio, as unidades estilísticas presentes nele partilharam também o local no sítio em que é possível observar e ter seus grafismos observados. Embora os grafismos estejam em local privilegiado de observação, não estão nos locais mais altos dos sítios e nem nos suportes altos dos sítios disponíveis. Não se vê nos sítios de Diamantina, como por exemplo é possível encontrar no Vale do Rio Peruaçu, grafismos em locais em que é preciso mais do que o corpo para alcançar os suportes ou observar de perto os grafismos realizados. A visibilidade buscada em Diamantina não é aquela visibilidade quase que monumentalizada, mas sim uma

visibilidade ao alcance dos olhos e do corpo. Esta pode ser somente uma questão prática e de uma possível desimportância dos suportes difíceis de serem alcançados, mas pode-se também pensar na possibilidade das figuras terem sido concebidas para um suposto observador.

Se as análises permitem pensar numa manutenção do padrão e tendências das características dos sítios ocupados em função dos grafismos, ou seja, de uma paisagem já 'construída', é possível fazer o raciocínio que inclua as características naturais da paisagem nos processos que resultam na convergência das unidades estilísticas. As unidades estilísticas podem convergir nos abrigos, ou em alguns deles, em função de uma percepção do ambiente e eleição de alguns critérios que se assemelham, e também em função de grafismos pré-existentes. Mesmo para aquelas unidades estilísticas em que não é possível, em função da baixa frequência no total de sítios, encontrar um padrão para os sítios ocupados, não há nada que não permita pensar que houve critérios importantes no momento em que se estabeleceu um tal abrigo para se realizar os grafismos, que ultrapassassem somente a presença de pinturas. Isto quer dizer que é possível pensar que tanto as características naturais quanto culturais das paisagens dos sítios podem ter recebido igual valoração por parte dos autores dos grafismos.

Na medida em que os critérios da paisagem natural passam a ser em certa medida semelhantes e importantes na escolha dos locais nos quais os vestígios gráficos foram deixados, é possível questionar se os grupos culturais autores dos distintos grafismos atribuíveis às unidades estilísticas presentes na Serra guardam afinidades culturais.

Essas afinidades são visíveis nos grafismos apenas nos momentos planalto, como discutido no quarto capítulo, mas para as unidades estilísticas cuja expressão gráfica se difere tanto em temática, como em comportamento gráfico, não é possível falar que essas afinidades sejam visíveis no repertório gráfico. Todavia, o fato de afinidades culturais não serem expressas nos grafismos não quer dizer que elas não existam. Há vários exemplos etnográficos em que é possível encontrar semelhanças culturais, expressões de afinidades históricas, em distintas etnias cuja cultura material é em grande medida diferente. Esse é um caso por exemplo entre os Araweté e os Asurini do Xingu. A cultura material produzida por cada um destes grupos apresenta distinções fortes enquanto que a língua e outros aspectos da cultura (mitologia, organização social) mostram-se semelhantes (SILVA, 2000; CASTRO, 1992). No Alto-Xingu, em contrapartida, é possível encontrar grupos étnicos marcadamente distintos, em que esta

distinção é vista no idioma, nas mitologias e outras concepções ideológicas, e quando se observa a cultura material encontra-se uma acentuada semelhança denotativa de afinidades construídas por uma rede de relações e alianças inter-étnicas (HECKENBERGER, 2001).

Logo, não se pode excluir a possibilidade das distintas unidades estilísticas encontradas na Serra terem sido produzidas por grupos culturais que guardam afinidades históricas entre si, e que a expressão desta afinidade tenha lugar na re-ocupação dos abrigos para atividades gráficas. A manutenção dos padrões encontrados para as características das paisagens dos sítios, bem como os desvios e mudanças nestes padrões, podem ser resultados de mudanças histórico-culturais ao longo do tempo em que a Serra foi lugar de uso, bem como resultado de agenciamento e manejo do lugar de vivência.

Inúmeras são as possibilidades de interpretação para os resultados encontrados na análise, e estas interpretações ganharão consistência à medida em que as pesquisas continuarem. É possível extrapolar a metodologia aqui empregada para o restante dos sítios conhecidos e também para novas áreas na Serra em que as pesquisas arqueológicas continuam¹. Uma possibilidade é empregar a metodologia aqui encontrada para outras categorias de sítio, com outras categorias de vestígio, de modo que os cruzamentos sejam feitos também entre as categorias de vestígios encontradas, de modo que se permita encontrar recorrências entre a presença de vestígios nos mesmos locais com características paisagísticas semelhantes e igualmente recorrentes, que por sua vez permita correlacionar demais elementos do registro arqueológico aos grafismos rupestres. O emprego da metodologia aqui desenvolvida e a utilização dos resultados obtidos nesta pesquisa de mestrado podem vir a contribuir para que se chegue a um entendimento da organização espacial dos sítios e por conseguinte da maneira como os diferentes grupos culturais que ocuparam a serra perceberam e geriram o espaço. Assim esta pesquisa contribui para o entendimento inicial do uso e ocupação das paisagens da Serra.

¹ Há um novo projeto em andamento no Setor de Arqueologia em que novas áreas do Planalto Meridional da Serra do Espinhaço serão trabalhadas.